

# M A I S



## um poeta brasileiro morto: GOULART DE ANDRADE

**N**ão se compreende muito bem que a imprensa portuguesa, especialmente a que se pretende mais culta ou até que pode assim considerar-se sem esforço e que repetidamente préga, por isso, a aproximação intelectual luso-brasileira, deixe passar, sem referência, factos que directamente a tal aproximação interessam. O aparecimento de um valor real no quadro literário brasileiro parece que devia merecer a essa imprensa a nota festiva de quem vê enriquecer a literatura dos dois países irmãos. Do mesmo modo o desaparecimento de figuras de relêvo nas letras brasileiras devia ser assinalado com uma perda que não fêre apenas o Brasil, já que a literatura portuguesa tem de sentir-se também evidentemente desfalcada.

Morreu, há pouco, Alberto de Oliveira, indiscutivelmente figura de primeira plana na literatura brasileira, e, portanto, na nossa. «Sol Nascente», jornal de cultura que tem no seu programa trabalhar pela verdadeira aproximação cultural entre Portugal e Brasil, registou o facto e procurou dar aos seus leitores, com a ideia da obra do poeta e escritor morto, a noção da perda que o seu desaparecimento representou para a actividade mental e literária dos dois países.

É assim que se faz luso-brasilismo intelectual, parece-me. E, por o entender, desejo dar uma pequena nota biográfica de outro homem de letras ilustre do Brasil: Goulart de Andrade, há pouco também desaparecido definitivamente e que uma doença gravíssima, de alguns anos, roubara ao convívio dos meios literários.

Conheci Goulart de Andrade, já muito doente, em 1930, na minha viagem ao Brasil. Foi-me apresentado, no Gabinete Português de Leitura, onde fôra ouvir ler — porque lhe não foi possível recitá-lo —, pelo seu amigo Dr. Rafael Pinheiro, um trecho do seu trabalho: — *Os Lusíadas e o Paraíso Perdido*, mais tarde refundido e ampliado e publicado, com o título: *Entre Camões e Milton*. Nesse trabalho procurou Goulart de Andrade provar as influências de Camões sobre o poeta inglês e o seu famoso poema.

A leitura eloqüente de Rafael Pinheiro, que é um orador arrebatado, conquistou-lhe e a Goulart de Andrade que mal os poude agradecer, de alquebrado e comovido, aplausos entusiásticos.

A êles me associei, com prazer.

O engenheiro Goulart de Andrade foi realmente um belo e complexo temperamento literário: poeta, escritor teatral, orador académico, conferencista, jornalista, crítico, historiógrafo, polemista e tradutor.

O seu labor intelectual conquistou-lhe lugar na Academia Brasileira de Letras e em muitas instituições culturais do Brasil e do estrangeiro, não faltando à sua validade se, como é natural, a teve, e os seus triunfos a justificaram, condecorações de multos países.

Foi, porém, como poeta parnasiano e renovador das velhas formas líricas: baladas, vilancetes e rondós que Goulart de Andrade conquistou maior notoriedade.

São muitos os seus volumes de poemas, alguns verdadeiramente admiráveis de forma e sentimento. Sallentam-se, além das colectâneas «*Poesias*» 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> séries, as «*Névoas e Flamas*» e os «*Cantos do Brasil Novo*».

De teatro deixou entre outras peças: *Numa Nívem*, traduzida para o espanhol pelo grande poeta que foi Francisco Villaespesa; *Depois da morte*; *Renúncia*; *Jesus e Inconfidentes*. Publicou volumes de conferências e discursos e um romance: «*Assunção*». Traduziu, de Enrique Larreta, a «*Glória de Dom Ramiro*» e, além dela, várias outras obras argentinas e francesas. Espalhou também larguíssima e variada colaboração em quasi todos os jornais do Brasil.

Goulart de Andrade morreu novo, com 56 anos apenas, mas a sua grave e longa doença dos últimos tempos não o impediu completamente de trabalhar.

Deixou várias obras em preparação e entre elas: *Fogo de vigília* e *Cruzes e Cunhos*.

Foi, portanto, alguém o intelectual que o Brasil acaba de perder e que entrou na Academia, saído por Alberto de Oliveira que o precedeu na morte.

E bem merecia que a imprensa portuguesa não deixasse passar o seu desaparecimento sem as duas linhas biográficas e de simpatia com que, ora, procura suprir-se a falta, nesta revista de novos sempre mais dispostos a destroçar ídolos mas também aptos a admirar valores autênticos.

Lisboa, 15 de Fevereiro.

Nuno Simões.

○○○

Este jornal é um trabalho sério de gente nova.